



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Ellen Gabriela da Silva Gama

A Transformação da Quadrilha Junina no DF: A Quadrilha Sabugo de Milho como estudo de caso

Brasília- DF

Ellen Gabriela da Silva Gama

A Transformação da Quadrilha Junina no DF: A Quadrilha Sabugo de Milho como estudo de caso

Pesquisa apresentada ao curso de Bacharelado em Artes Cênicas – Interpretação Teatral do Departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília (UnB) como Trabalho de Conclusão de Curso para obter o grau de Bacharel.

Orientadora: Julia Guimarães Mendes

Brasília- DF

AGRADECIMENTOS

Sempre foi um sonho entrar na Universidade de Brasília após a conclusão do meu ensino médio e em primeiro lugar não poderia deixar de agradecer, neste momento de finalização de curso, a minha mãe Janete Gomes da Silva e ao meu irmão Gabriel César da Silva Gama, por sempre me apoiarem em cada decisão da minha vida.

Não poderia deixar de agradecer também ao meu pai Eurico Souza Gama Filho, que sempre me incentivou ao estudo e me ensinou que a educação é um caminho possível para todas as pessoas. Agradeço também aos meus amigos que sempre estão do meu lado, me apoiando e incentivando as minhas criações artísticas.

Quero agradecer ao movimento junino, especialmente as quadrilhas *Eita Bagaceira*, da Ceilândia, que foi o primeiro grupo no qual participei e comecei a me formar como brincante, e a *Quadrilha Junina Sabugo de Milho*, de Taguatinga, grupo ao qual me filiei após anos longe do arraíá.

Também quero agradecer a todos os profissionais que estiveram comigo na construção da Lúcia Calamidade, minha personagem da temporada do ano de 2025. Na maquiagem, Naomi Leakes; Direção Cênica e de movimento Perez Louise e Rian Lisboa; no figurino, Matheus Gabriel, Vinícius Oliveira, André Silva e Diogo Soares; à costureira Verbenia, que apesar de toda correria aceitou costurar todo meu corpinho e por último André Silva, que fez toda minha cenografia, além de ajudar na confecção do meu segundo traje. Agradeço por fim aos meus guias, pois sem a espiritualidade eu não teria conseguido vencer todas as batalhas durante a graduação.

Por fim, quero agradecer as minhas professoras convidadas da banca de TCC, Fabiana Lazzari e Maria Villar, que aceitam estar nesse momento tão importante de minha trajetória e também por todos os aprendizados que ambas me proporcionaram durante a graduação, ofertando disciplinas e projetos que me ligaram fortemente à cultura popular. Finalizo deixando um agradecimento especial à minha orientadora e professora Julia Guimarães, que esteve comigo durante toda a escrita deste projeto e por todo trabalho que partilhamos juntas com o Laboratório de Crítica Teatral.

RESUMO

A pesquisa intitulada *A Transformação da Quadrilha Junina no Distrito Federal: A Quadrilha Sabugo de Milho como estudo de caso* tem como objetivo investigar o desenvolvimento da manifestação da quadrilha junina no Distrito Federal, com foco na análise sobre a incorporação de elementos cênicos à dança e em seu vínculo com a migração ocorrida na região a partir dos anos 1950. O estudo percorre o processo histórico que envolve a construção de Brasília e a consolidação das Regiões Administrativas, responsáveis por abrigar e fortalecer os grupos juninos na cidade. A partir deste levantamento, busca-se compreender como ocorreu o desenvolvimento desta manifestação no âmbito do Distrito Federal.

Como recorte de pesquisa, é realizado um estudo de caso sobre a Quadrilha Sabugo de Milho, sediada nas Regiões Administrativas de Taguatinga e Ceilândia. A partir de entrevistas com seus fundadores, o estudo analisa as transformações da Sabugo de Milho no decorrer dos anos, com foco na investigação das influências teatrais sobre suas criações mais recentes. Conclui-se que a quadrilha junina no Distrito Federal se constitui como uma manifestação cultural em constante transformação, atravessada pelo contexto histórico, migratório e pela incorporação dos elementos cênicos que contribuem para a consolidação e permanência da quadrilha junina no cenário cultural local.

Palavras-Chaves: Quadrilha Junina; Distrito Federal; Cultura Popular; Migrações; Elementos Cênicos; Teatralidades brasileiras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAP. 1. A EVOLUÇÃO DA QUADRILHA NO DISTRITO FEDERAL E SUAS INTERLOCUÇÕES COM O TEATRO.....	6
1.1. A Quadrilha, sua chegada e seu desenvolvimento.....	6
1.2. Distrito Federal e as Quadrilhas Juninas.....	11
CAP. 2. ESTUDO DE CASO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA QUADRILHA SABUGO DE MILHO NO DISTRITO FEDERAL.....	16
2.1. Migrações e Cultura.....	16
2.2. O desenvolvimento da Quadrilha Sabugo de Milho.....	17
2.3. O desenvolvimento da figura do marcador.....	22
2.4. A Criação da Lúcia Calamidade.....	26
CAP. 3. DOS ARRAIÁS AO PALCO TEATRAL.....	32
3.1. Sabugo de Palco.....	32
Conclusão.....	36
Anexo 1.....	39
Anexo 2.....	46
Referência Bibliográfica.....	48
Fontes Orais.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como o tema “*A Transformação da Quadrilha Junina no DF: A Quadrilha Sabugo de Milho como Estudo de Caso*”. O interesse nesta temática surgiu a partir das minhas vivências, desde a adolescência até a fase adulta, como brincante de quadrilha junina no Distrito Federal (DF). É notável que desde o meu primeiro contato, na quadrilha da Senhor Bom Jesus, a manifestação vem angariando mais prestígio na cidade. Hoje, já proporciona grandes espetáculos a céu aberto para a comunidade do DF.

Além de ganhar mais visibilidade junto à população brasiliense, a brincadeira mostra a cada ano uma evolução na produção e se torna cada vez mais profissional. Diante disso, surge a questão: como essa manifestação chegou no Distrito Federal e como vem se desenvolvendo até hoje?

A partir das influências da cultura nordestina, a dança dramática¹ chega na capital, inicialmente apenas como uma dança nas entrequadradas das Regiões Administrativas (RAs). Importante ressaltar que a cultura popular se desenvolveu mais afastada do Plano Piloto (centro da cidade), pois as pessoas que construíram Brasília foram realocadas para distante do centro, reiterando a “desigualdade social” dentro do DF. Com isso, as pessoas construíram e consolidaram suas culturas ao redor do que chamamos de Plano Piloto.

Historicamente, através da dança, podemos entender e estudar a estrutura cultural da cidade e trazer novas perspectivas para as pessoas, mostrando que Brasília vem se tornando cada vez maior e sua cultura periférica também vem crescendo com a cidade, fomentando a arte dentro e fora do estado. Mesmo com essa percepção de grandes transformações em seus processos criativos e produtivos na quadrilha junina - isso é notável para quem está dentro do *movimento junino* -, o intuito dessa pesquisa é levar o crescimento e a valorização da nossa cultura para as pessoas que não estão tão dentro da produção.

Nascida e criada no DF, estudei minha vida toda aqui, porém o que aprendi sobre Brasília sempre esteve mais relacionado à sua arquitetura moderna e à necessidade de criação da cidade para a política, mas não sobre o desenvolvimento e resistência de um olhar mais periférico. Essa pesquisa é uma tentativa de trazer para os adultos e jovens uma outra contextualização sobre a

¹ Termo utilizado pelo pesquisador Mário de Andrade.

criação da nossa cidade, através da cultura que nos pertence e que gera tanto impacto na vida dos brincantes. É também uma devolutiva em agradecimento à quadrilha junina, que me permitiu sonhar e não desistir de estudar na Universidade de Brasília (UnB). Sendo assim, o foco desta pesquisa é descentralizar a arte e trazer para as pessoas a relevância que o trabalho delas tem perante a sociedade, reconhecendo a cultura popular advinda do Nordeste e enaltecendo aquilo que é da periferia.

Por isso, durante o processo de escrita da pesquisa foi adotada a metodologia qualitativa, partindo do ponto de vista histórico acerca da chegada da quadrilha no Brasil e no Distrito Federal, passando pelas diferenças entre as quadrilhas do Nordeste e o desenvolvimento da dança aqui no Centro-Oeste. Para isso, é utilizada, como estudo de caso, a consolidação da Quadrilha Junina Sabugo de Milho, abordada por meio de entrevistas com as criadoras do grupo, Denise Oliveira e Andrezza Oliveira, com o marcador Xandão (Alexandre da Silva Marques), além de investigar o processo de criação de Lúcia Calamidade, personagem que interpretei dentro da temática do grupo na temporada de quadrilha de 2025. Por fim, será analisado o projeto *Sabugo de Palco*, que consiste na adaptação do tema da temporada para um espetáculo teatral.

Concluo a pesquisa mostrando como se deu o desenvolvimento das quadrilhas juninas da cidade. Investigo, como estudo de caso, o processo de consolidação de um grupo independente, a quadrilha Sabugo de Milho, com foco na influência das teatralidades brasileiras e dos elementos cênicos na dança de quadrilha junina. A análise enfatiza a utilização de aspectos teatrais na construção do espetáculo, como interpretação, figurino, cenografia, visagismo e o surgimento da dramaturgia, que também é conhecida como o “tema” da temporada.

O primeiro capítulo desta pesquisa irá discutir como a dança de quadrilha junina chega no Brasil e quais as suas principais mudanças em relação ao contexto de origem, seja regionalmente, seja em seu modo de execução. Também é retratada a chegada dos elementos cênicos como veículo de transformação da brincadeira popular, trazendo um olhar ainda sobre o Nordeste. No segundo capítulo, a pesquisa aborda desde a construção de Brasília até o desenvolvimento e consolidação das Regiões Administrativas, onde a brincadeira se desenvolve e permanece. Para analisar este processo mais amplo sob um recorte específico, utiliza-se como estudo de caso a história e crescimento da quadrilha junina Sabugo de Milho.

Por fim, finalizo o capítulo três descrevendo e analisando como ocorreu o processo de direção cênica dentro do projeto Sabugo de Palco, que consiste na adaptação do tema da

temporada da quadrilha junina em uma peça teatral, na qual os brincantes também se desenvolvem como atuantes no teatro.

CAP. 1. A EVOLUÇÃO DA QUADRILHA NO DISTRITO FEDERAL E SUAS INTERLOCUÇÕES COM O TEATRO

1.1. A Quadrilha, sua chegada e seu desenvolvimento

A quadrilha junina é um espetáculo que acontece todo ano no período do festejo de São João, nos meses de junho até agosto. Às vezes acontecem algumas apresentações em setembro, mas somente aqui no Distrito Federal, pois no Nordeste o período de apresentação se encerra mais cedo em relação à capital do Brasil.

Compreendida como uma “brincadeira”, ou seja, uma “manifestação cênica popular no Norte e Nordeste” e seus participantes como “brincantes” (GUINSBURG, 2009, p. 65), as quadrilhas vêm passando por mudanças desde sua chegada no Brasil. Essas transformações trouxeram aspectos diferenciados para a manifestação, modificando aquilo que apenas era uma dança palaciana² e ressignificando-a rumo a uma “teatralidade brasileira”, na qual alguns conceitos unem o teatro e a quadrilha junina.

Segundo o teórico Patrice Pavis, “Teatralidade seria tudo aquilo que, na representação ou no texto dramático, é especificamente teatral (ou cênico)” (PAVIS, 2009, p. 372). Embora toda dança tenha sempre uma inerente dimensão de teatralidade, o que ocorre no processo de desenvolvimento histórico da quadrilha junina no Brasil é que ela deixa de ser apenas uma dança, em seu sentido tradicional, e incorpora progressivamente elementos do teatro e da teatralidade na sua brincadeira, tanto no seu processo de criação - que atualmente gira em torno de cinco meses ou mais - quanto no espetáculo final. Esses aspectos do teatro presentes na quadrilha vão desde a encenação³ (figurino, cenografia e visagismo) até a expressão corporal dos brincantes e também a própria figura do marcador, que conduz o público e a história através do texto falado.

² Danças palacianas são danças que acontecem nos salões dos palácios, nos bailes.

³ Encenação é o eixo das visualidades da cena, esse termo é utilizado em Brasília.

De acordo com a antropóloga Luciana Chianca, a quadrilha junina é “Originária de uma contradança (...) ⁴ trazida ao Brasil pela Corte Imperial Portuguesa”. A autora explica que essa dança “teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada” (CHIANCA, 2002, P. 50). Transformou-se em uma dança com personagens tradicionais (marcador, noivo, noiva, rei e rainha do milho, padre, pais da noiva e coronel) e incorporou uma narrativa (dramaturgia) mais intensa dentro da brincadeira. Importante ressaltar que nesse período no qual a quadrilha começa a se moldar ao contexto brasileiro, ela ainda não possuía esse tempo de preparação tão extenso, era algo mais informal e que acontecia dentro da festa da colheita, comemorada quando o plantio crescia e fornecia alimento, se tornando a festa do padroeiro São João, em junho.

Essa estrutura temática corresponde a uma quadrilha tradicional, na qual o que prevalece é a união da comunidade para brincar, a fartura de comida e a fé para agradecer a colheita. Atualmente, muitos grupos desenvolvem enredos que fazem essa ligação com a fé, sobretudo em contextos de seca e escassez de alimentos, elementos marcantes da realidade nordestina. Destaco, no entanto, que este panorama descreve o desenvolvimento da manifestação cultural e cênica de forma geral, sem distinção entre Nordeste e Centro-Oeste. Nos capítulos seguintes, esta pesquisa terá como foco específico a evolução da quadrilha no Distrito Federal.

Retornando aos aspectos teatrais da quadrilha, é possível notar que existe, dentro da apresentação, a possibilidade de os brincantes improvisarem em cena, gerando uma aproximação com o espectador de forma orgânica e muitas vezes cômica. No Nordeste essa aproximação acontece para além da expressividade corporal, pois alguns personagens, como os noivos ou os vilões, possuem falas dubladas⁵, trazendo ainda mais características teatrais para dentro do espetáculo. Já no Distrito Federal não é comum ter apresentações de quadrilha com dublagens, mas a expressividade corporal individual, do casal e do grupo é bem desenvolvida para se encaixar na dramaturgia, tornando o espetáculo rico em coreografias e improvisações que aproximam o público da história.

Além dessa evolutiva na dramaturgia, é possível ver o desenvolvimento da teatralidade em outros aspectos da quadrilha junina, como o figurino e o visagismo⁶, componentes marcantes

⁴ Contradança é uma dança coletiva tradicional, muito ligada às danças europeias (especialmente inglesas e francesas), em que os pares se organizam em filas ou formações e executam passos juntos e síncronos, seguindo comandos.

⁵ Os brincantes gravam a própria voz e dublam durante a apresentação.

⁶ Visagismo se refere à maquiagem e ao cabelo, criados a partir do tema elaborado para a temporada.

dessa manifestação cultural. A princípio, como descrito acima, a dança vai primeiramente para as cidades do interior e a partir dessa migração surge a primeira inspiração para o *traje* da quadrilha. Antigamente, os *trajes* serviam para representar de forma pejorativa o que seria um sujeito matuto, ou seja, esse habitante do interior.

Uma recordação que normalmente é comum quando se pensa em quadrilha junina são as roupas com retalhos costurados para dançar na época da escola. Nessa caracterização tradicional, os bigodes são desenhados no rosto dos meninos, as meninas trazem as bochechas bem rosadas com bolinhas, o penteado era a “chiquinha” e os dentes eram normalmente pintados de preto, para demonstrar certa falta de dinheiro e de cuidado com a aparência.

O ato de representar, de forma “empobrecida”, a cultura e a realidade dos sertanejos foi aos poucos se modificando. O desejo de desconstruir o estigma que aproximava a figura do sertanejo ao imaginário da pobreza colaborou para tornar o *traje* um dos pontos mais essenciais para a construção do espetáculo de quadrilha. Através de maior valorização do figurino e das coreografias começa a surgir, em 1990, o movimento da quadrilha conhecido como *estilizado*. Em suas entrelinhas, existia o intuito de ressignificar a identidade sertaneja, a partir da afirmação da cultura deste grupo, por meio da valorização de suas vestimentas. Segundo Chianca,

(...) em Natal os grupos estilizados apareceram a partir de meados de 1990, seguindo um processo lento e progressivo de transformação interna da dança tradicional que atinge uma maior visibilidade a partir de 1995, nos grandes concursos de quadrilha promovidos pela prefeitura e pelas subsidiárias locais da TV Globo e do SBT (CHIANCA, 2002, p. 147).

Consequentemente a essa mudança no figurino, a maquiagem ganha um novo lugar também dentro da estética junina, sendo elaborada para combinar com um traje mais trabalhado em paetês e lantejoulas. Ou seja, está em sintonia com algo mais valorizado, tirando o aspecto de caricatura do brincante e elevando a construção da visualidade da figura como algo que é destacado nas competições e enriquecedor para a história que está sendo contada. É normal, atualmente, serem feitos croquis de figurino e da maquiagem, pois esses elementos se complementam.

Por outro lado, algo que começou a ser desenvolvido nas quadrilhas das últimas décadas é a cenografia. Principalmente no Nordeste, ela surge bem pensada e aperfeiçoada para apresentação, ajudando a tornar o espetáculo grandioso. A junção das figuras repetidas (brincantes que não possuem personagens específicos) com trajes chamativos e a cenografia

transforma o espaço cênico que chamamos de *arraiá* quase em um sambódromo⁷. A cenografia normalmente é desenvolvida de acordo com o tema (dramaturgia) do grupo e varia a cada temporada, então todo ano é feita cenografia e figurinos novos, para encaixar dentro do enredo, tornando único e singular cada grupo e sua estética.

A coreografia é um elemento que sempre esteve presente na quadrilha junina, mas o que antes era uma dança no formato de quadrado — e por esse motivo desenvolve-se o nome *quadrilha* — passa a ganhar mais desenhos, como túneis, rodas, xis e muito mais formas dentro do *arraiá*. Também é notório que a quadrilha junina, com esse passar do tempo, começou a beber de outras manifestações culturais. Exemplo disso é a dança do boi, ou boi bumbá. De igual forma, temos passos de frevo, maracatu, caboclinhos e cavalo marinho como exemplificação dessa possibilidade de atravessamentos dentro das manifestações culturais.

Recordo que durante a minha trajetória como brincante na quadrilha junina pude ter o desejo de conhecer outras manifestações culturais, justamente por haver essa pequena ligação no processo criativo. No entanto, apesar de alguns elementos aparecem dentro do espetáculo através das coreografias, tais manifestações culturais não chegam a ser estudadas e aprofundadas durante os ensaios da quadrilha junina, ou seja, seu estudo não chega a ser desenvolvido no processo de criação.

O Distrito Federal ganha uma evidência na sua dança, em específico, ao trazer à tona o passo chamado *arriúna*, que foi criado e caracterizado aqui, no nosso território do Centro-Oeste e se difere das quadrilhas nordestinas, ganhando uma identidade própria da região. A *arriúna* se caracteriza por ser um passo que se utiliza bastante das pernas e dos braços, trazendo a sensação de que o corpo está “voando” no *arraiá*.

⁷ Sambódromo é uma arena ou avenida especialmente projetada para a realização de desfiles de escolas de samba durante o carnaval, criado em 1984 no Rio de Janeiro.



Figura 1. Brincante Mario Matheus da Quadrilha Sabugo de Milho dançando passo de arriúna

Foto: Bella Negra

Outro ponto importante do espetáculo de quadrilha junina é a figura do marcador, porque é essa pessoa quem vai contar para os jurados e o público o tema que foi desenvolvido no ano. Então, dentro das competições, existe uma avaliação do marcador à parte do grupo, assim como ocorre com o casal de noivos. Para avaliar a condução, contação da história e guia do grupo, o marcador é o primeiro personagem que o público aprecia.

De acordo com os pesquisadores em fonoaudiologia Elthon Silva, Leneeton Silva, Marden Dantas e Miguel dos Santos que realiza uma pesquisa focada na a preparação vocal dos marcadores juninos, “Avalia-se sua clareza vocal/dicção (termo geralmente usado nos estatutos que direcionam avaliação de jurados); a maneira que conduz seus brincantes; seu carisma com o público; e a sintonia entre comandos e a realização deles na coreografia” (SILVA, 2021, p. 3). Então, para além de uma boa condução da história com o público, deve existir uma sintonia entre marcador, público, banda e o grupo inteiro que está dançando.

Antigamente a construção dessa figura, como tenho em minhas memórias da infância, era feita com o objetivo de guiar mais as coreografias, então falas como “olha a chuva”, “a ponte quebrou”, “anarriê” ou “anavantu”, definia as movimentações do grupo. Mas como o ponto dessa pesquisa é mostrar a evolução da brincadeira, pode-se dizer que esse papel se transformou com a chegada dos coreógrafos. Atualmente, o marcador entra como condutor do grupo de forma geral, trazendo mais amplitude e possibilidades para o artista durante a criação, já que ele passa a ser o

contador de toda a história, normalmente como um personagem presente dentro da trama e condutor da banda ou sonoplastia.



Figura 2. Marcador Xandão, da Quadrilha Sabugo de Milho

Foto: Marcelo Cândido

Por último, mas não menos importante dentro dessa criação junina, é preciso destacar o papel da musicalidade dentro do processo criativo. Anualmente, assim como ocorre com as escolas de samba, as quadrilhas mudam de tema, fazendo com que todo ano uma seletiva de músicas seja realizada. Normalmente a escolha das músicas gira em torno da dramaturgia, sendo a sonoplastia um dos guias para a contação da história. Antigamente não era comum ver bandas tocando ao vivo, mas isso chega como uma inovação para os grupos, engrandecendo ainda mais o espetáculo dentro das competições. Assim, a quadrilha mudou ao valorizar, no decorrer de sua história, a construção da teatralidade.

A quadrilha junina, como destacado acima, se modificou, tendo que contar atualmente com uma equipe de coordenação e produção que trabalha o ano inteiro, no intuito de todo ano viabilizar apresentações gratuitas que rodam o Distrito Federal e o Nordeste, no intuito de acessibilizar essa arte produzida especificamente nas periferias de Brasília. Essa grande equipe tem que administrar um grupo de brincantes com idades variadas, coreógrafos, banda, figurinistas e costureiras. Com isso, o movimento vem ganhando mais espaço e mais demandas, tornando o trabalho cada vez mais profissional.

1.2. Distrito Federal e as Quadrilhas Juninas

Essa dimensão social e artística também atravessa a minha própria trajetória. Aprendi a gostar de quadrilha a partir do meu irmão, foi ele que introduziu na família essa tradição de dançar profissionalmente. Tenho lembranças de vê-lo usando o traje que representava um boneco de pano, se destacando e me puxando pra brincar quando tinha oportunidade. Cresci alimentando o desejo de dançar e, quando surgiu a oportunidade, agarrei-a com coragem.

Foi no grupo da Quadrilha Junina Senhor Bom Jesus (QSBJ), que atualmente se chama Quadrilha Eita Bagaceira, que comecei a me desenvolver como brincante. Foi na minha adolescência que comecei a ter disciplina, pois ocorriam ensaios quatro vezes na semana. A partir daí, descobri o que era manifestação cultural, aprendi a fazer cabelo⁸ e entendi o que significava trabalhar em grupo. Apesar de inicialmente não entrar competindo, pois fazíamos parte da igreja Imaculado Coração de Maria, todos nós tínhamos o objetivo de sermos bons, de estarmos aprendendo juntos. Foi assim que consegui me pertencer a algum grupo, modificando de fato a minha identidade e memória coletiva.

Mesmo o Distrito Federal sendo uma cidade nova, desde o início de sua construção já existia a luta de ocupação e pertencimento. Essa discussão será aprofundada no segundo capítulo da pesquisa, mas é importante destacar essa causa pois por muito tempo não entendia qual era a cultura do Distrito Federal, apesar de nascer e sempre viver na cidade. Durante as atividades formativas do *Festival Internacional de Teatro Cena Contemporânea*, pude participar da roda de conversa intitulada *A arte por sujeitos periféricos a contrapelo das violências* juntamente com o ator Julio Lorosh⁹, de São Paulo, que citou a seguinte frase: “O que forma o povo é a capacidade de imaginar a mesma coisa”. Essa frase mexeu comigo por justamente entender o que poderia ser o princípio do imaginário popular brasileiro, que tanto pesquisamos e representamos durante o espetáculo da quadrilha junina.

Citei anteriormente que a quadrilha tradicional surgia para juntar a comunidade; o mesmo acontecia aqui no Distrito Federal, nas Regiões Administrativas que ainda estavam se consolidando na cidade e ganhando infraestrutura. Segundo a pesquisadora Cleire Varella, “Os

⁸ Ato de arrumar o cabelo das meninas, de acordo com o penteado proposto para todas.

⁹ Citação vinda de anotações do dia 28/08/2025.

<https://cenacontemporanea.com.br/2025/atividades-formativas-incluem-os-encontros-do-cena-oficinas-contracenas-e-residencia-artistica/>

vizinhos preparavam comidas e partilhavam na porta de suas casas a iguaria feita” (VARELLA, 2023, p. 28). Portanto, a comemoração se altera saindo novamente do campo, atravessando os estados brasileiros, mas a união das pessoas e dos grupos para preservar a brincadeira e a gastronomia de seus territórios de origem prevalecem vivos.

Em uma conversa com minha orientadora, professora Julia Guimarães, surgiu um segundo questionamento nesta pesquisa: de que a influência dos elementos cênicos e das teatralidades brasileiras na quadrilha junina estaria vinculada às *migrações* ocorridas dentro do nosso país. Levantamos essa questão e agora compreendo que foi a partir das mudanças de território que a manifestação se modifica, ressignifica e se transforma. Ganhando para dentro da cena todos esses conceitos que aproximam a dança da linguagem teatral utilizando dos elementos cênicos em sua composição.

Aqui no Distrito Federal não existe uma quadrilha junina que esteja localizada no Plano Piloto, que é visto como centro da cidade, mas se encontra grupos em quase todas as regiões administrativas e no entorno (Goiás). Normalmente é onde estão localizados mais descendentes de nordestinos na cidade, já que umas das grandes massas de pessoas que vieram construir Brasília veio do Nordeste.

A partir da análise levantada, é possível perceber que a quadrilha não é uma simples dança, mas um movimento que abrange toda uma comunidade a que pertence, transformando as pessoas e profissionalizando artistas locais, desenvolvendo o imaginário popular e fomentando a cultura. A identidade de um quadrilheiro é ligada ao sentimento de pertencimento ao grupo que faz parte. Após ficar quatro anos fora dos arraiais para me dedicar a Universidade, no ano de 2025 pude ter o imenso prazer de voltar à brincadeira, fazendo parte da Quadrilha Junina Sabugo de Milho, na qual pude ver na prática toda essa evolução da manifestação cultural, em específico com o desenvolvimento da minha personagem *Lúcia Calamidade*, que era a vilã da história criada para a quadrilha junina daquele ano.



Figura 3. Personagem Lúcia Calamidade

Foto: Marcelo Cândido

A Quadrilha Sabugo de Milho me trouxe espaço para propor aquecimentos e exercícios teatrais, para trabalhar a expressão corporal dos brincantes e traz para os jovens, que não possuem tanto acesso ao teatro, a possibilidade de experimentar o fazer teatral, mas ressaltando que esse ainda é um trabalho em constante consolidação e a presença da direção cênica ainda não é tão presente nos grupos juninos.

São todos esses atravessamentos que marcam a minha perspectiva enquanto atriz e brincante da quadrilha junina, pois foi a partir dessa arte que tive a motivação para continuar nos caminhos artísticos. Durante o *primeiro encontro de quadrilheiros*¹⁰ aqui no Distrito Federal, evento que aconteceu na Casa do Cantador¹¹, nos dias 15 e 16 de março de 2025, fui convidada para falar de sustentabilidade juntamente com Claudedir, criador e diretor da Quadrilha Junina Si Bobiá a Gente Pimba de Samambaia, no qual escutamos frases marcantes: “como pensar em ter banda se muitos brincantes do meu grupo dançam por ter comida?”¹². São esses detalhes humanos que fazem a quadrilha junina ser comunidade e proporcionar o sentimento de inclusão dentro da sociedade, pois oportuniza os brincantes para além do contato com a arte, tornando-se uma rede de apoio para jovens e adultos. Assim, o movimento em grupo torna singular e

¹⁰ Evento proporcionado pela Quadrilha junina Sanfona Lascada, com o intuito de debater temas relevantes ao movimento junino no DF, além de bandas de forró para a diversão dos grupos.

¹¹ Centro cultural dedicado à promoção e preservação das tradições nordestinas, especialmente da música, poesia de repente e literatura de cordel.

¹² Os quadrilheiros, normalmente quando dançam na , ganham, em troca da apresentação, o lanche que está sendo vendido na festa junina.

desafiadora a quadrilha junina, pois tem que contornar todas as dificuldades, de variadas formas, para chegar bem nas etapas competitivas.

Aqui no Distrito Federal temos três federações de competições: LINQ-DFE (Liga Independente de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno), FEQUAJU (Federação de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno) e a União Junina DFE (Distrito Federal e Entorno).

Quando o grupo vence — como ocorreu em 2025 com a Quadrilha *Arroxa o nó*, do Paranoá, pela competição da LINQ-DFE —, ele é convidado para competir nacionalmente com quadrilhas grandes e de muita visibilidade no movimento junino. Este ano o Concurso Nacional de quadrilhas juninas foi no Pará. Também existe a possibilidade, assim como aconteceu com três quadrilhas bem posicionadas na competição da FEQUAJU, de serem convidadas a se apresentar no maior *São João do Mundo*, em Campina Grande, para competir e a Quadrilha Sabugo de milho foi uma das convidadas.

Assim, finalizo este capítulo trazendo a grandeza da manifestação cultural, desde a chegada e a incorporação de conceitos que a ligam ao teatro, tornando a preparação e o cuidado com o grupo como algo que acontece durante todo o ano. Entendendo que a construção do imaginário popular aqui do DF está ligada às nossas influências durante a construção da cidade e como no Nordeste as quadrilhas são grandes monumentos, tornando a brincadeira um patrimônio vivo, como a Quadrilha Raio de Sol de Pernambuco.

A quadrilha junina é como um balaio multicultural, abrangendo a dança, o teatro e outras manifestações culturais, potencializando a teatralidade dentro do espetáculo e trazendo a identidade coletiva e individual. O profissionalismo da produção, brincantes e terceirizados, como as costureiras, faz das quadrilhas um local educativo e formativo dentro da comunidade. Concluo acreditando que um dia as quadrilhas juninas podem vir a ser reconhecidas como grandes “escolas”, ou seja, espaços formativos e profissionalizantes que valorizam diversos setores da cadeia produtiva das artes, tendo o reconhecimento e a sustentabilidade que merecem. Sendo assim, no próximo capítulo será abordada a consolidação da manifestação cultural no Distrito Federal.

CAP. 2. ESTUDO DE CASO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA QUADRILHA SABUGO DE MILHO NO DISTRITO FEDERAL

2.1. Migrações e Cultura

Como citado no capítulo anterior, um dos questionamentos que permaneceu nesta pesquisa foi: a transformação da manifestação cultural da quadrilha junina no Brasil se deu a partir da migração. De acordo com o dicionário Aurélio, migração é o “deslocamento de pessoas ou povos de uma região para outra, geralmente para fixar-se nela, temporária ou definitivamente” (AURÉLIO, 1999. p. 1126). Então, o desenvolvimento desta dança e seu consequente “abrasileiramento” se formam por meio do deslocamento de pessoas, seja devido à colonização como também, posteriormente, ao êxodo rural.

Brasília é uma cidade planejada, que recebeu em seu período de construção pessoas de diversos lugares com o objetivo de obter mão de obra. Aqui, foi o sonho de pessoas para a mudança de vida e ganho de oportunidades que motivou o deslocamento para a futura capital. Porém, o que aconteceu em Brasília foi o afastamento dos trabalhadores que a construíram para longe do **Plano Piloto**, surgindo assim o que antes era chamado de “cidades satélites”, hoje rebatizado de “Regiões Administrativas”¹³. A ideia do poder político era convencer que a cidade, mesmo com o afastamento das pessoas, era “uma só”, ou seja, que havia uma integração, uma identidade comum entre as diversas regiões do DF. No entanto, segundo Cleire Varella, “a cidade não era uma só! Brasília é uma, Ceilândia e demais cidades, outras realidades” (VARELLA, 2023, p.23).

A Ceilândia é uma cidade de muita resistência, criada no ano de 1971¹⁴. Minha família chega aqui em seus anos iniciais, em 1972, com meus avós, que acompanham até hoje o desenvolvimento da cidade. Em uma conversa rotineira com meu avô, Olávio Alves, ele compartilhou que nesta data já existiam festas de São João pelas quadras da Ceilândia. Então, basicamente o movimento junino vem se fortalecendo desde o início da construção do Distrito Federal.

¹³ O Distrito Federal é dividido em 35 Regiões Administrativas (RAs), que funcionam como subprefeituras, cada uma com autonomia limitada, mas integradas à estrutura do governo do DF. Elas surgiram para organizar a ocupação de Brasília e seu entorno, garantindo serviços públicos e planejamento urbano. <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais>

¹⁴ História da Ceilândia: https://ceilandia.df.gov.br/historia-de-ceilandia?utm_source=chatgpt.com

Existem outros artigos que retratam o movimento junino, mas não de uma forma mais histórica, é utilizado nesta pesquisa referências orais vivas, que retratam a história da cidade a partir de suas vivências por falta de um arquivo que comprove de fato os acontecimentos datados durante o período da construção.

É perceptível que o fazer das quadrilhas aqui do DF vem se modificando, tornando os grupos cada vez mais profissionais e com mais integrantes. Aqui, existem grupos com distintas idades, mas com o objetivo em comum que é fazer permanecer a cultura popular presente em peso nas Regiões Administrativas, referenciando as pessoas que trouxeram e cultivaram a manifestação cultural na cidade, em especial a cultura nordestina.

Neste capítulo, o estudo de caso foi realizado a partir de uma entrevista via *Whatsapp* com as criadoras da Quadrilha Sabugo de Milho, Denise Oliveira e Andrezza Oliveira, um formulário *online* com perguntas para o marcador Xandão, que também é integrante da Sabugo, e por meio da análise do meu processo para a criação da personagem Lúcia Calamidade, também no âmbito da Sabugo, a fim de observar, na prática, o desenvolvimento da brincadeira na cidade e também a própria evolução do grupo. A escolha da Sabugo de Milho como objeto de estudo desta pesquisa se deve tanto ao fato dela ser uma quadrilha conhecida no Distrito Federal e fora do Estado, como também por ser o grupo ao qual me filiei quando decidi retornar para o *arraiá* (espaço físico da apresentação de quadrilha junina, normalmente uma quadra ou arena), e mostrar através de sua história o desenvolvimento cultural do Distrito Federal, a partir da influência nordestina.

2.2. O desenvolvimento da Quadrilha Sabugo de Milho

A história da Quadrilha Sabugo de Milho começa com a iniciativa de Sônia Juçara, que foi a propulsora do grupo. A partir de uma festa de rua na quadra “M Norte” e, em especial, a festa do “conjunto K”, no ano de 1988, Sônia reunia suas filhas Denise e Andrezza, na adolescência, com vizinhos da rua, das ruas de baixo e de cima para ensaiar. Em entrevista¹⁵ realizada no dia 21 de outubro de 2025, via *Whatsapp*, Denise explica como se iniciou a festa: “(...) Minha mãe sempre foi desse tipo de juntar todo mundo e quando a gente começou a pegar

¹⁵ A entrevista está anexada ao final da pesquisa.

firme com as festas de rua todos os vizinhos se empenharam, juntavam dinheiro, faziam bandeirinhas e pintavam meio-fio” (OLIVEIRA, 2025).

Dona Sônia nasceu na Bahia em uma cidade chamada Utinga, e de lá trouxe consigo o costume de fazer a festa de São João com a famosa fogueira para o santo. Até hoje, dentro da quadrilha junina, tem-se o costume de fazer a festa da fogueira¹⁶ para realizar os apadrinhamentos do fogo, um costume também vindo com as festas de São João.

Denise Oliveira e Andrezza Oliveira durante a entrevista lembraram que esses costumes das festas de rua na Ceilândia foram aos poucos se perdendo e ambas, já adultas, seguiram anos sem realizar o festejo. Porém, após casarem e terem filhos, as irmãs tentam retornar com a tradição da festa de rua, desta vez junto com suas filhas. No decorrer da entrevista, ambas destacaram com muito orgulho que são professoras e mantiveram a tradição viva por meio da escola. Ressaltam ainda a importância do contato inicial com a mãe. É também nessa época que surge o nome da quadrilha junina Sabugo de Milho, como destaca Andrezza na entrevista:

eu [Andrezza] e Denise somos professoras. Denise é professora de educação física e eu [Andrezza] professora de atividades e pedagogia. Então a gente sempre teve essa cultura de rua e cultura de escola também. Quando a gente resolveu fazer a *segunda fase* [da quadrilha junina na região], quando nossas filhas estavam maiores e tinha muitos amigos e amigas da idade deles, a gente resolveu dar esse nome *Sabugo de Milho*, porque eu era professora de pedagogia e sempre gostei do Sítio do Picapau Amarelo o nome veio em homenagem ao Visconde de Sabugosa [...]. (OLIVEIRA, 2025)

Na fala de Andrezza, ela cita ser a *segunda fase* da quadrilha junina, pois elas separam a evolução da quadrilha em três fases. A *primeira fase*, no ano de 1988, seria justamente essa com a mãe, em que elas eram adolescentes e dançavam na quadrilha, mas a mãe era a única pessoa que organizava tudo - os ensaios e a festa - com a ajuda dos vizinhos. A *segunda fase* se inicia quando Laís, filha de Andrezza e Maria Clara, filha de Denise, são pré-adolescentes, com idade entre 10-12 anos, em 2012, e as irmãs decidem retomar a tradição da festa na rua, desta vez nomeando-a Quadrilha Sabugo de Milho, nome que é preservado até os dias atuais. E a *terceira fase* é o início de fato do grupo na igreja Imaculado Coração de Maria até a atualidade, no qual a Sabugo de Milho consagra-se campeã da temporada regional do ano de 2025, com o tema *Aruna e o Aboio Encantado*.

¹⁶ A festa da fogueira ocorre normalmente no dia 24/06, dia de São João, no qual o brincante escolhe seu padrinho e madrinha (pessoa com quem mais criou intimidade e que irá auxiliá-lo durante a temporada). Juntos pulam a fogueira, acontecendo o apadrinhamento.

A terceira fase da Sabugo se iniciou, de acordo com as falas de Denise e Andrezza, em 2014, e também a partir das suas filhas, que já eram adolescentes, e iam participar de um grupo jovem da paróquia Imaculada Conceição, na M Norte. Andrezza relata que ela e a irmã foram convocadas pelo Padre Odair, que era o pároco da época, para organizar uma quadrilha, já que ninguém na época conseguia organizar um grupo tão bem quanto Denise e Andrezza, que ficaram conhecidas na região pela volta da festa de rua, que possuía uma organização bem feita da festa com fogueira, quadrilha e comida.

É justamente nessa época que Xandão, atual marcador e diretor da quadrilha, aparece na trajetória do grupo, pois Denise e Andrezza relatam que elas sempre contaram com ajuda de outras quadrilhas e de pessoas que já faziam parte do movimento junino, mas sempre correram atrás para aprender tudo do zero. No capítulo anterior desta pesquisa, foram mostrados conceitos que unem teatro e quadrilha, importante destacar que as antigas diretoras do grupo declaram que quando começaram não sabiam da existência de tema (dramaturgia) e não sabiam mexer com documentação, descreve Andrezza:

[...] Todos vieram ajudar porque éramos cruas, cruas assim no sentido de [não] ter as coisas organizadas como é hoje em dia, toda papelada e burocracia, mas como a gente falou minha mãe sempre levou a gente pra assistir os concursos de quadrilha que tinha no Sesi e a gente ficou mais apaixonada ainda pelo movimento junino vendo a organização do Sesi e a gente viu que de alguma forma poderia dar conta daquilo...(OLIVEIRA, 2025)

Destaco da fala de Denise sua observação de que a Sabugo desde o início foi algo que surpreendeu o público e que desde seu primeiro ano de existência já foi convocada para dançar em outras s, mas como as roupas eram alugadas da Quadrilha Ribuliço, da Ceilândia, não era possível dançar em outros lugares no mesmo ano.

Uma das coisas que encanta na história da Sabugo de Milho é que existe essa movimentação coletiva e de muita ajuda, mesmo quando ela ainda era uma quadrilha de rua. O movimento familiar e grupal é algo que se percebe ainda atualmente dentro do grupo, apesar de todo crescimento e desenvolvimento. Foi através deste destaque inicial que no ano seguinte a quadrilha conseguiu trazer seu primeiro traje, feito em 2015, um traje ainda voltado para a quadrilha tradicional.



Figura 4. Primeiro traje da Sabugo de Milho, em 2015

Foto: Autor Desconhecido

Um traje simples, mas que marca um desenvolvimento dentro da Sabugo e a partir deste mesmo ano o grupo começa a se apresentar em mais s, creches e escolas. Andrezza relata: “A coisa foi ficando séria”, mas foi a partir do ano de 2016 que a quadrilha começa a chamar a atenção dos grupos que já fazem parte de competições e também de pessoas do movimento junino, ou seja, o grupo começa a se consolidar dentro do Distrito Federal. Federações como a Liga Independente de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno (LINQ-DFE) e União Junina manifestaram interesse de que a Sabugo participasse das etapas de competição, mas as diretoras tinham receio. Porém, a partir de uma participação especial, em uma das etapas da LINQ-DFE no Valparaíso, relata Andrezza “os meninos começaram a sentir o gostinho de como é, como seria competir e foi aí que começamos a modificar nosso pensamento, a amadurecer pra gente poder se filiar e essa filiação não demorou muito tempo, em 2017 a gente já tinha se filiado” (OLIVEIRA, 2025). Assim, começa outro marco dentro da história do grupo, que foi a saída da e a ida rumo ao campo profissional.

De acordo com a entrevista realizada, é perceptível pelas falas de Denise e Andrezza que toda a consolidação da Sabugo de Milho foi algo que ocorreu muito rápido, mas que sempre manteve o espírito de aprendizagem e do grupo que se torna família. Quando perguntei a elas qual seria a maior diferença entre o antes e o agora da quadrilha, a primeira coisa que ambas responderam foi o número de pessoas. Naquela época de 2014, 2015, 2016 e 2017 o grupo tinha em torno de 16 casais; de 2018 até 2025 o grupo vem se destacando tanto que, em quadra, estão presentes atualmente mais de 50 casais. E nem só de brincantes o grupo é formado sua expansão

inclui a chegada de coreógrafos, figurinistas e também da produção, totalizando um grupo com 170 pessoas, no fim da temporada de 2025.

Então, o desenvolvimento dos aspectos cênicos foi algo que impulsionou a consolidação de quadrilhas no Distrito Federal, o movimento junino adaptou elementos do teatro dentro da dança. O crescimento da Sabugo de Milho marca esse desenvolvimento de forma natural, pois a presença de elementos cênicos é relevante para as competições, e bem vista pelos jurados. Demonstra o profissionalismo na criação do espetáculo, entendendo que existe uma elaboração na temática, nos trajes, coreografias, músicas e banda, o que também ajuda a conquistar, no fim da temporada, novos brincantes para o grupo.

Com muito afeto, as antigas diretoras da quadrilha também dizem que algumas coisas foram se perdendo nesse profissionalismo, como a parte das pesquisas com os brincantes, que consistiam em “saídas de campos” e reuniões para debater assuntos culturais. O exemplo de “saída de campo” que elas lembraram ocorreu em 2018, em que o tema da quadrilha foi criado foi a partir do universo *mambembe*¹⁷, no qual a quadrilha foi ao circo para estudar e entrevistar os artistas que ali trabalhavam. O tema criado foi “Seu Sebastião e a Saudade de Mariquinha”, no qual o enredo foi desenvolvido a partir da estética do circo. Foi justamente neste momento que o grupo conseguiu se destacar fortemente no movimento e fez com que, no ano de 2019, a estética circense continuasse e acontecesse o aprimoramento do tema, se tornando “O Circo Caritas e a Promessa”, que desencadeou no prêmio de Melhor Casal de Noivos Nacional para os brincantes Rian Lisboa, também discente do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e Giovanna Ferreira, que brilhavam como o casal de noivos da época.

Referenciar a trajetória da Quadrilha Sabugo de Milho tem o intuito de perceber como as manifestações culturais surgem desde o princípio da construção do Distrito Federal, que a cidade também existe a partir da periferia. Destaco ainda, a partir da entrevista, o impacto social que o movimento junino tem com os jovens que procuram o grupo e como esse encontro, muitas vezes, ajuda os quadrilheiros na promoção da saúde mental, especialmente em relação a depressão e ansiedade.

Além disso, as quadrilhas muitas vezes e promovem, dentro da periferia, um afastamento desses jovens das ruas, onde, na maioria das vezes, eles entram em contato com a violência e as

¹⁷ Mambembe é um termo para designar artistas do teatro que são ambulantes, ou seja, teatros apresentados normalmente nas ruas e que estão sempre em circulação.

drogas, prevenindo um caminho conturbado e apresentando um caminho artístico e de pertencimento, ao qual a maioria dos jovens tentam buscar. Dentro da capital federal, é perceptível que o movimento junino é de suma importância para a comunidade periférica, pois assim como as criadoras da Quadrilha Sabugo de Milho comentam na entrevista, é a partir do senso de comunidade e cultura de rua, termo utilizado por Denise Oliveira, que é desenvolvido e promovido a festa de São João.

Com isso, concluo que a trajetória da Sabugo de Milho traz consigo a história da construção do DF, valorizando aquilo que é produzido dentro de uma Região Administrativa e mostrando de que maneira esse desenvolvimento intensifica o que é a cultura da cidade, que possui tantas interseccionalidades dentro de sua construção. Aquele afastamento das pessoas, quando Brasília foi construída, resultou em uma periferia que pertence à cidade através da bagagem cultural trazida com elas. É a partir da resistência, luta e coragem que o Distrito Federal começa a ganhar personalidade própria.

2.3. O desenvolvimento da figura do marcador

Xandão: Confio em vocês, minha quadrilha.

Quadrilha: Confio em você, meu marcador.

-Xandão

A figura do marcador, já citada nesta pesquisa, é um dos elementos que desenvolve a quadrilha junina e afirma a manifestação cultural como uma forma de teatralidade brasileira. Para aprofundar a compreensão desta área de atuação no movimento junino foi realizada uma entrevista com Alexandre da Silva Marques, melhor conhecido como Xandão, através de um formulário de perguntas criado de forma *online*, no qual as respostas completas estarão anexadas ao final deste trabalho.

Já foi destacado nesta pesquisa que o marcador recebe uma avaliação à parte do grupo, tamanha a sua importância, resalto também que esta figura tão emblemática das juninas vem evoluindo e exigindo cada dia mais do artista que está a frente da responsabilidade. Segundo Xandão,

Antigamente todo o espetáculo era pensado e construído para que funcionasse de maneira dependente à atuação do marcador. O espetáculo não acontecia sem que o marcador ditasse os passos, conduzisse as transições de coreografia e de cenas entre outras coisas. O espetáculo estava completamente engessado ao marcador, mas hoje em dia, não mais. (MARQUES, 2025)

Atualmente, o espetáculo se transforma sem que o marcador oriente, de forma tão direta e objetiva, o que o grupo irá fazer, como já citado no primeiro capítulo. Tradicionalmente, ações de comando como “Olha a chuva”, “A ponte quebrou” ou “Passeio dos namorados” eram utilizadas pelo marcador para desenvolver a apresentação junina, aspecto que justamente deixou de existir nas quadrilhas atuais.

Para além, como diz Xandão, de evitar “engessar” o espetáculo, a marcação nos tempos atuais possui a *função de contar histórias*. Essa prática é uma tradição que herdamos das influências culturais advindas dos povos originários e dos povos negros vindo de África, na diáspora. Os *griots*, conhecidos na África Ocidental, eram os contadores de histórias, que através dessa prática organizavam e ensinavam a toda a comunidade as tradições através da oralidade. Apesar das semelhanças com essas tradições orais afro-indígenas, o marcador da quadrilha identifica-se mais com contadores do interior do Brasil.

Segundo as pesquisadoras Mota, Echer e Bonilla (2016, p. 70), esses contadores do interior são identificados como “Contadores de Causos”. Esse *contador de causos* normalmente narra histórias reais que aconteceram com alguma pessoa próxima a ele ou com ele mesmo. Esta atitude específica de se contar algo que está ao redor da figura do contador, ou dele fazer parte da história, se assemelha à figura do marcador hoje, que destrincha para o público a dramaturgia (tema) que a quadrilha irá apresentar, se tornando um personagem dentro do enredo, ultrapassando o “engessar” da quadrilha e aproximando o espetáculo junino do público.

Destaco uma frase de Xandão extraída da entrevista via formulário: “Hoje, a construção do espetáculo, o andamento das cenas e coreografias independe da ação do marcador”. Isto é, a função durante o desenvolvimento da brincadeira foi evolutiva, se reinventando para alcançar outro corpo e outras camadas. Essa transformação exige que o marcador das quadrilhas de alguma forma entre em contato com o teatro para desenvolver seu personagem, seja no movimento e construção de um corpo cênico, na preparação vocal, ou ainda para a compreensão espacial, já que essa figura surge solta dentro do “arraiaí” e não faz parte do cordão de brincantes.

Uma das perguntas que enviei para Xandão foi: “Como é fazer quadrilha hoje em dia?”. Sua resposta me deixou reflexiva, pois ele retrata que apesar de as quadrilhas juninas terem um corpo de brincantes jovens e adultos periféricos e que os grupos sejam da periferia, ele não se sente visto como parte de uma certa cultura *underground*¹⁸. Além disso, mesmo que os grupos entreguem trabalhos competentes durante todo o ano, ainda não são vistos como artistas e que atualmente é complicado produzir pela falta de apoio, sobretudo de financiamento público (MARQUES, 2025).

Hoje o Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF) é a forma de fomento mais acessível para uma quadrilha, porém não existe algo que ajude de forma tão prática os grupos menores que estão tentando se consolidar de forma mais rápida dentro das competições. Às vezes os brincantes desembolsam o próprio traje ou trabalham vendendo rifas para poder dançar na temporada, depende de como o grupo se configura.

Ressalto, das palavras que Xandão trouxe, que apesar de existir quadrilha junina no Distrito Federal desde o início das construções das Regiões Administrativas, apenas agora ocorre uma visibilidade maior. Isso acontece porque o número de quadrilhas de cada região vem aumentando e também estão produzindo espetáculos cada vez maiores, com o objetivo de, a cada ano, elevar o nível das competições. Vejo que existe um crescimento tanto dos grupos quanto do público que consome quadrilhas juninas; e que a atividade agora não é vista e praticada apenas como lazer, mas sim como um trabalho de artistas, que se preparam por mais da metade do ano. E que esses grupos funcionam como uma espécie de escola, que apresenta a cultura popular brasileira para os brincantes presentes na cena.

Assim a figura do marcador, que hoje não pode só guiar um grupo, leva o público para dentro do espetáculo, aproximando dança e teatro através da contação, da dança e da construção de toda a apresentação contendo um início, meio e fim, no qual é possível ver o arco do herói sendo construído e destrinchado para o espectador fazer parte do espetáculo. Assim como cita Mário de Andrade:

Nas danças dramáticas principalmente e diretamente ibéricas, nos pastorais e cheganças, há somente o elemento fundamental de qualquer drama (aliás assimilável à noção primária de morte e ressurreição...), isto é, a luta de um bem contra um mal, que bailados coletivos, e por isto infensos aos sentimentos individualistas (principalmente amoroso), caracterizam a noção de perigo e salvação. (ANDRADE, 2002)

¹⁸ O termo *underground* vem do inglês e significa literalmente “subterrâneo”, o que simboliza algo que acontece fora da superfície visível da sociedade, em espaços alternativos, independentes ou de resistência.

Quer dizer, o marcador narra esse drama, cujo enredo está ligado diretamente aos personagens principais e aos antagonistas da história. Trata-se de uma história na qual o “bem”, representado pelo casal de noivos, se sobressai mais do que qualquer mal que esteja ali sendo representado por seres do imaginário popular, como coroneis, cangaços e seres encantados, como o Bumba Meu Boi e as bruxas.

Xandão inicia sua trajetória basicamente junto com o início da Sabugo de Milho, em 2014, e hoje além de marcar é o atual diretor do grupo, responsável por montar toda a narrativa que será contada por todos no arraiá. Ele é o atual campeão da FEQUAJU-DFE na categoria melhor marcador da temporada de 2025.



Figura 5. Xandão, Andrezza e Denise em 2014, durante a primeira apresentação da Sabugo de Milho

Foto: Autor desconhecido

Finalizo este estudo entendendo que a figura do marcador continua sendo essencial para o movimento junino, mesmo com as mudanças do enredo. Assim como este personagem é importante, também é necessária a chegada dos coreógrafos para que esta parte tão emblemática da contação seja criada e elaborada para a temporada. Mesmo com suas transformações, o marcador ainda cria um laço de fidelidade com todo grupo que está atrás dele. Por ser, normalmente, o primeiro a entrar dentro do arraiá, solta marcações e gritos, como “Confio em vocês minha quadrilha”, o que faz o grupo transbordar de energia para a apresentação, em meio a tanta ansiedade dos brincantes. Não se dança quadrilha sem marcador, principalmente na atualidade, pois ele é que vai guiar o público pela aventura do espetáculo.

2.4. A Criação da Lúcia Calamidade

Ser brincante de Quadrilha Junina é um processo de aprendizado em relação à produção da temporada, o que vai desde aprender a coreografia até colar lantejoulas no traje inteiro. É de costume os quadrilheiros dizerem que essa manifestação “é muito mais que dança”, é ser família, é aprender do básico até o mais avançado, são meses de quatro ensaios por semana, de 5 horas de duração, e por fim é dedicar mais da metade do seu ano por minutos dentro de um arraiaá, mas são minutos que modificam a alma.

Esse foi o meu primeiro sentimento em relação à dança: foi muito mais do que dançar e ensaiar, foi cultivar amizades, aprender a ter responsabilidade e me identificar como artista, mesmo sabendo que ali ainda era o início de uma caminhada. Eu já havia experimentado o teatro antes de experimentar ser de uma junina, mas no decorrer de minha caminhada o teatro e a quadrilha começaram a fazer parte da minha vida.

Entrei no meu primeiro grupo junino aos 15 anos, em 2017, e se chamava Quadrilha Senhor Bom Jesus, localizada na Ceilândia. Passei os três anos do Ensino Médio alternando entre ensaios da junina e ensaios dos projetos de teatro que tive acesso durante a escola. Os ensaios da quadrilha aconteciam duas vezes na semana e aos finais de semana, além disso, tinha todo o trabalho para a venda de rifas e produção de eventos para arrecadação de dinheiro para o traje.

Posteriormente, esse grupo da Igreja Senhor Bom Jesus, assim como a Sabugo, entrou para a competição, havendo uma troca de nome e se tornando a quadrilha Eita Bagaceira, no ano de 2019. O grupo é da Ceilândia e permanece com suas atividades. Em 2025 também tiveram a oportunidade de se apresentar em Campina Grande, no maior São João do Mundo.

Logo mais, estar cursando Artes Cênicas na Universidade de Brasília já era um sonho e sempre soube que queria finalizar o curso falando sobre quadrilha, pois a minha intenção sempre foi retornar para o movimento junino, ao qual criei laços aos 15 anos de idade. Em 2025, retornei à quadrilha, pois quando entrei na UnB havia parado de dançar porque não conseguia acompanhar as duas coisas e fiquei quatro anos sem fazer parte de nenhum grupo.

Retornar para quadrilha sempre foi algo que nutri e queria voltar tendo uma noção maior do que é ser brincante e também ser atriz. A Lúcia Calamidade, personagem antagonista da temporada de 2025, foi um presente que ganhei e um dos meus maiores desafios como quadrilheira, já que a proposta da personagem era totalmente diferente do que eu já havia feito,

mas assim que aceitei a proposta feita pelo Xandão comecei a visualizar o que poderia ser criado e de onde tiraria inspirações.

A priori, a personagem havia sido pensada em um lugar mais de “Rainha Má”, um pouco mais fantasiosa, baseada em personagens da Disney, mas decidi ir atrás das minhas próprias referências e acionar as pessoas que me ajudariam a criar a personagem. Entendia que precisaria encontrar um corpo para a vilã e gostava muito da ideia de ter movimentos com as mãos sendo explorados durante a apresentação. Assim, decidi pedir assessoria para a artista Perez Louise, que também é discente do Departamento de Artes Cênicas da UnB e trabalha com Ballroom¹⁹.

A partir do diálogo com a Perez, comecei a fazer aulas específicas para *hand movements* (movimentos de mãos). Mas, para além das aulas de movimento, Perez sempre me instigou trazendo a direção cênica para dentro dos nossos encontros. Juntas, chegamos à decisão de que Lúcia Calamidade também experimentaria o *Lyp Sync*, que normalmente são dublagens apresentadas por Drag Queens em shows.

Perez pediu para eu trazer imagens de referências do que achava que era a Lúcia Calamidade, imagens propulsoras de movimentos corporais. Assim, montei um material digital: coloquei imagens voltadas a figuras da religião de matriz Africana como a entidade Pomba Gira Maria Farrapo, além das Yabás Yansã e Yewá. Também explorei imagens da mitologia egípcia e grega, trazendo as figuras de Cleópatra e Medusa e, por fim, trouxe a imagem da Cuca, personagem que compõe nosso imaginário popular brasileiro.

Todas as referências são de mulheres fortes, rainhas e que possuem uma pitada de calamidade, seja esteticamente ou em suas ações. Através dessas referências, foi criada a coreografia de “Erva Venenosa”, que era o solo de Lúcia Calamidade e a música na qual ela iniciava a apresentação. Também contei com a ajuda do ator e quadrilheiro Rian Lisboa, antigo noivo da Quadrilha Sabugo e também egresso do Departamento de Artes Cênicas da UnB, que trouxe a direção em movimentos com a saia para dentro da coreografia. Como fiquei alguns anos distantes da prática, me reuni algumas vezes com Rian para treinar movimentos de saia e giros.

Minha equipe de preparação e produção foi se estendendo durante os meses de trabalho. À frente do figurino, havia Vinicius Oliveira, Matheus Gabriel e André Silva, na cenografia

¹⁹ Ballroom é uma cultura afro-LGBTQIAPN+ de expressão corporal e artística estruturadas em encontros competitivos chamados balls.

estava também André Silva e para o visagismo fui apresentada à drag Naomi Leaks, que desenhou todo o meu croqui de maquiagem e esteve comigo durante toda a etapa de competição.

Logo após a minha primeira aparição, no Arraiá da Vó (junho de 2025), percebi que precisava de outro traje, mas que, diferente do meu primeiro - composto de uma grandiosa saia roxa estilizada, um corpinho bem de rainha, todo cravejado por mim em pedras pretas -, precisava de uma roupa de Farrapo, inspirada na pomba gira, para representar o lado mais “feiticeira” da personagem.

Então, o processo visual da Lúcia Calamidade foi se construindo a cada etapa da competição e já na primeira etapa da FEQUAJU-DFE meu segundo traje estava pronto. O traje de farrapo foi feito com materiais que encontramos em um bazar; a minha segunda saia foi feita com uma capa de sofá, a blusa com um tecido preto que foi achado e os farrapos também foram criados com tecidos soltos achados no bazar. Passamos um dia antes e o dia da competição confeccionando toda essa roupa para ser utilizada à noite.

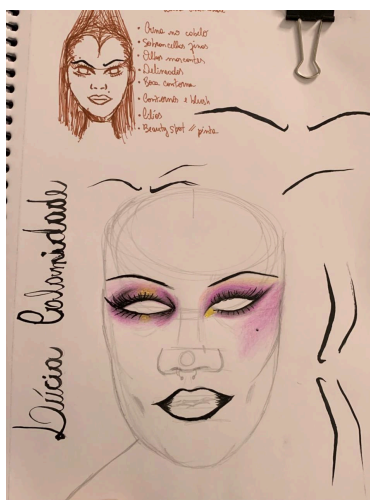


Figura 6. Croqui da Maquiagem feito por Naomi Leakes



Figura 7. Maquiagem feita por Naomi Leakes

Foto: Marcelo Cândido

Na história, inicialmente a personagem Lúcia Calamidade manda todos os vaqueiros para o inferno, porque Tião, o noivo, era apaixonado por Aruna, a noiva, e não por Lúcia, que era totalmente apaixonada por ele. Toda a evolutiva da personagem na dança se dava com ela se enfraquecendo e perdendo os poderes que tinha sobre a cidade, então a trama segue essa narrativa. A cada feitiço quebrado, ela vai fraquejando e perde o combate com Aruna e com a cidade, se transformando em uma bruxa fraca que fica vagando pelo arraiaí.

É perceptível a mudança de poderes justamente pela mudança de figurino, pois o primeiro traje é bastante detalhado e trabalhado, com mangas bufantes e um lindo arranjo que representa a autoridade de Lúcia. Mas à medida em que ela vai se enfraquecendo e perdendo os poderes, se transforma em uma bruxa fraca, apenas com farrapos. No fim da temporada, Lúcia ganha dois capatazes, interpretados por Vinícius Oliveira e André Silva, que me acompanharam desde o início da construção.



Figura 8. Primeiro traje desenhado por Diogo Soares

Foto: Marcelo Cândido

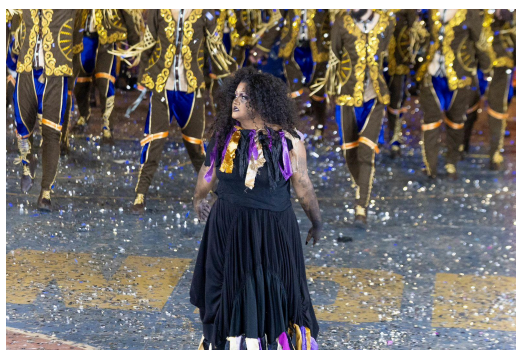


Figura 9. Traje de Farrapo

Foto: Bella Negra

Destaco que Lúcia Calamidade foi uma personagem criada para ser “solta”, ou seja, em uma dança de pares eu dançava sozinha. Dentro da tradição junina, existem alguns personagens que dançam sozinhos ou estão ali para realizar uma interação maior com público, sem necessariamente fazer parte do cordão coreográfico; esses personagens são colocados em cena de acordo com o tema desenvolvido.

Na última etapa, os capatazes de Lúcia entraram para somar dentro do teatro, pois foi o pedido que Xandão me fez: que eu interpretasse mais do que dançasse. Mas no decorrer dos

ensaios aprendi as coreografias e sabia dançar sozinha. Então, Lúcia Calamidade era a personagem que mais tinha liberdade para brincar com o público, dançar e interpretar.

A construção de Lúcia Calamidade é uma prova de que a quadrilha não é mais apenas uma dança de rua ou uma dança simples feita em escola, mas que a cultura se ressignificou para as competições e se transformou em uma grande produção, com características mais teatrais. Aqui no Distrito Federal é possível ver o investimento das pessoas com seu grupo em tempo, qualidade e preparo.

O movimento junino se consolida cada dia mais dentro da capital brasileira, mostrando para as pessoas de fora o quanto a cultura do Distrito Federal, em específico a cultura periférica da cidade, é diversa, fomenta a cidade e o público consome, pois o movimento junino só acontece com a participação da comunidade, seja assistindo as etapas de competições ou assistindo as apresentações que ocorrem também nas igrejas.

Com isso, finalizo este capítulo mostrando que o desenvolvimento da Quadrilha Sabugo de Milho, da figura do marcador com a história de Xandão e a construção visual e corporal da personagem Lúcia Calamidade é a prova que a quadrilha junina é dança que se expande em uma manifestação rica em teatralidades brasileiras, convívio social e elementos associados à encenação teatral, além de oferecer à comunidade de diversas Regiões Administrativas espetáculos gratuitos e de qualidade, pois mesmo grupos menores buscam sempre o melhor desenvolvimento no arraiá.

CAP. 3. DOS ARRAIÁS AO PALCO TEATRAL

3.1. Sabugo de Palco

Sabugo de Palco é um projeto que começou a ser realizado no ano de 2024, a fim de transformar o tema da temporada em uma peça teatral. Nesta proposta, os brincantes passam por um processo de montagem para os palcos, diferente do processo da temporada dançada. A Quadrilha Sabugo, como já citado, sempre esteve ligada ao fazer teatral. Esse projeto, até então, é uma exclusividade que a quadrilha oferece ao brincante, pois até então é a única quadrilha junina do Distrito Federal que oferece essa adaptação de espetáculo, oportunizando a conhecerem o teatro de forma prática. Foi a partir de um convite de Rian Lisboa, em 2024, que me filiei à Sabugo de Milho, contribuindo para a direção cênica do tema da temporada, que foi *O amor é Filme*.

O projeto teve pouco tempo para ser desenvolvido. Por isso eu e Rian realizamos exercícios teatrais de movimento, aquecimentos vocais e criação de cenas, mas ainda foi trabalhado muita coreografia no espetáculo e, com o pouco tempo de preparação, algumas pessoas do elenco apenas dançavam enquanto outras pessoas possuíam falas.

Todo o processo de criação foi desenvolvido de forma introdutória e planejado como aulas de teatro para pessoas iniciantes, pois além do projeto existir há pouco tempo, a maioria das pessoas nunca havia nem sequer ido assistir a uma peça teatral, mas estava, ali, no lugar de construir uma peça. Durante a temporada de quadrilha, já existem personagens que são construídos e desenvolvidos de acordo com a temática, como abordei no capítulo 2. No entanto, o projeto Sabugo de Palco, como o próprio nome diz, se aproxima mais do teatro, pois busca oferecer a todos os brincantes a experiência de construir personagens. Os participantes são também instigados a desenvolverem o corpo, a voz e inclusive a própria dança, tendo para a próxima temporada uma consciência maior de espacialidade e do corpo.

Nesta primeira edição do projeto, os personagens foram desenvolvidos de acordo com algumas figuras que já existem no imaginário popular brasileiro, como o padre, as moças que querem se casar, os irmãos paqueradores e vendedores de barraquinhas, pois a peça se passava

em uma festação de São João. Aqui também, o marcador atuava como um narrador da história, além de ser o famoso “amante” da noiva. Havia ainda o bando dos pais da noiva, que eram contra a relação e também os noivos, que eram os personagens Benício e Gabriela. Toda a narrativa seguiu à risca o que foi apresentado durante as competições, sem muita alteração.

O resultado desse trabalho foi surpreendente para o público e principalmente para os brincantes, que no ano de 2025 já contavam com esse projeto no final da temporada. A segunda edição do Sabugo de Palco partiu de um processo desenvolvido de maneira completamente distinta, pois a temática de 2025, *Aruna e o Aboio Encantado*, tinha essa pitada de encantaria, ou seja, possibilitou o trabalho de uma dramaturgia que era inteiramente fantástica e estimulante para a criação de espaços nunca habitados pela humanidade, como o inferno.

O desafio de 2025 foi maior, pois além de realizar a direção cênica, eu também estava na atuação. Como o noivo não poderia estar na apresentação teatral, o primeiro passo foi fazer uma adaptação da história, na qual foi priorizado o desenvolvimento dos personagens que os brincantes criaram, dando um foco maior no coletivo e não apenas nos personagens que foram consolidados durante a temporada de competição.

Também recomendei ao grupo fazer uma “audição” para a montagem, pois a alta quantidade de pessoas que participou do projeto em 2024 dificultou o trabalho e sua inserção dentro da dramaturgia. Isso, de certa forma, limitou quem estaria participando do processo em 2025. A pedido da maioria dos brincantes, foram trabalhadas mais cenas e construção de personagens e menos dança na apresentação do teatro.

Dividi a direção cênica com Cláudio Henri, formado em Artes Cênicas pela UnB, que também estava atuando e dirigindo. A segunda ação foi adaptar a história contada no arraiá para desenvolver mais personagens, pois durante a temporada havia apenas quatro personagens mais definidos. A história adaptada acontecia em um bar na cidade de Turmalina, na qual o Marcador — que se tornou, nesta versão, o noivo amaldiçoado —, chega e lê para os moradores um livro encantado no qual todos os personagens se tornam reais, assim como no filme *Coração de Tinta*, da autora Alemã Cornelia Funke, então o marcador, precisa ler sempre até o final do livro, que é a salvação dos vaqueiros e da cidade contra Lúcia Calamidade.

Assim, Cláudio e eu dividimos os núcleos de personagens como os moradores da cidade que estariam no bar: as mulheres guerreiras, que perderam os vaqueiros e enfrentam a vilã; os

vaqueiros no inferno; Lúcia e seu capataz Lucinho; Aruna, a noiva e Inácio, que no fim também era Tião, o noivo.

O processo de montagem do espetáculo contava com a criação de cenas e textos. Os intérpretes das mulheres guerreiras e dos vaqueiros foram instigados a criarem um texto para os personagens deles e a partir da devolutiva textual criamos os pares. Na dança, todos eram pares românticos, mas no teatro foram criados não apenas pares românticos, mas também uma mãe que perdia o filho, uma irmã que perdia o irmão e Aruna, que ficava “sem o Tião”, pois a única maldição que não se quebrava era a dele, pois teria de “contar a história até que a sua voz se defina” (Lucia Calamidade).

O texto do bar foi desenvolvido por mim e por Cláudio. Ele funcionava como o lado cômico da peça e quebrava o clima quando os monólogos dos encantados aconteciam, que em sua maioria traziam um clima mais dramático e denso para a dramaturgia. O projeto Sabugo de Palco é enriquecedor para o grupo, pois auxilia no desenvolvimento dos brincantes e também ajuda a chegar no profissionalismo tão desejado, pois instiga o brincante a conhecer outras linguagens das artes da cena, provocando-os e tirando-os da zona de conforto.

Trata-se de um projeto que incentiva a criação, o trabalho em grupo, os desafios de escrever, interpretar e também dançar, ajuda a elevar a capacidade de um brincante a ser um personagem principal também no arraiá. É perceptível que o teatro ainda não é tão reconhecido dentro do processo de criação da temporada, mas aos poucos a linguagem do teatro vem chegando e provocando um certo amadurecimento para os brincantes.

Como diz Peter Brook “O teatro é alguma coisa. O teatro é um instrumento antigo e fundamental que nos ajuda a viver um único drama, o da nossa existência, o de encontrar o nosso caminho na direção daquilo que nós somos” (BROOK, 2011, p. 31). Com essas palavras poéticas de Brook, na qual carinhosamente ele escreve sobre o encenador polonês Jerzy Grotowski, compreendo que o teatro no movimento junino é um elemento que ainda necessita de lapidação, pois apesar de existir um projeto como o da Sabugo de Palco, que transforma a dança da quadrilha em uma criação teatral, é necessária a continuação de um trabalho teatral mais aprofundado durante a temporada dançada.

Noto que atualmente a presença de um coreógrafo é indispensável para uma quadrilha, mas a presença de um diretor cênico ainda não é tão consolidada. Como expus na introdução,

esta pesquisa analisa o desenvolvimento da quadrilha junina no Distrito Federal é preciso ressaltar também pontos que ainda precisam de aprimoramento.

Por fim, apesar de no Nordeste existir essa lapidação maior do que seria uma apresentação teatral no arraiaá, com a presença inclusive do texto falado, sinto que a provocação que o teatro no Centro-Oeste promove em relação ao movimento junino se difere dessa perspectiva nordestina, por ser um teatro que busca falar mais corporalmente e coletivamente dentro da construção do brincante/intérprete. Sendo assim, concluo este capítulo compreendendo que o teatro é um caminho de desenvolvimento para o movimento junino.



Figura 10. Sabugo de Palco 2024. *O Amor é Filme*.

Foto: Marcelo Cândido



Figura 11. Sabugo de Palco 2025. *Aruna e o Aboio Encantado*.

Foto: Marcelo Cândido

Conclusão

Ao longo dessa pesquisa, buscou-se compreender que a quadrilha junina vem se tornando uma linguagem cênica em constante transformação, ao ressaltar seus processos estéticos, formativos e simbólicos no contexto do Distrito Federal, sendo uma teatralidade brasileira.

A provocação para a escrita desta pesquisa surge a partir das minhas vivências primeiramente como brincante e logo após como atriz, seguindo a lógica de desenvolvimento da manifestação cultural no DF, buscando evidenciar a cultura presente nas Regiões Administrativas. Ao longo da escrita e pesquisa é possível ver que a Quadrilha Junina passa por processos de transformações de acordo com a mudança das pessoas e dos locais onde é executada a brincadeira, ressaltando a ideia de que a brincadeira se propaga e se modifica por meio das migrações.

O Teatro chega no movimento junino como um caminho transformador da dança, potencializando a estrutura e o processo criativo para a temporada competitiva, adicionando elementos cênicos que compõem a narrativa da brincadeira. Com isso, modifica a ideia de uma quadrilha tradicional, apenas voltada à diversão e com pouco tempo de preparo, desenvolvendo uma forma cênica que traz muita visualidade e necessita de meses de ensaio para ser construída, se modificando rumo à criação de uma quadrilha estilizada.

É possível notar que a chegada dos elementos cênicos nas quadrilhas juninas traz uma responsabilidade maior perante o grupo e a estética proposta, passando pela preparação das figuras em destaques, a melhor desenvoltura do marcador, a performance do casal de noivos, o traje desenhado juntamente com a maquiagem e por fim a dança que abraça outras formas e referências de movimentos de múltiplas brincadeiras populares brasileiras.

Atualmente a quadrilha junina ajuda no crescimento e revelação de artistas, se tornando uma escola não convencional, que busca a partir da prática elevar o nível de conhecimento dos brincantes através do contato com outras linguagens das artes cênicas. O enfoque na evolução da Quadrilha Junina Sabugo de Milho ocorre justamente no intuito de analisar suas transformações ao longo dos anos, no que se refere à sua crescente aproximação com o campo teatral.

Hoje como uma quadrilha reconhecida no Distrito Federal e no Nordeste, a Junina Sabugo de Milho carrega consigo uma história bonita e de muita resistência, que começa com a

história de um grupo familiar até se tornar um grupo com mais de 170 pessoas, porém ainda mantendo o mesmo sentimento de família. A Sabugo carrega no peito o desenvolvimento do movimento junino. Sua história de criação passa pelo local do tradicional, do “cru” e chega ao grande espetáculo que é produzido todos os anos.

Apesar de no Distrito Federal existirem outras juninas com mais tempo de evolução, é importante ressaltar que foi nessa quadrilha junina que obtive espaço para vivenciar de fato a transformação de uma quadrilha profissional, que me permitiu ser diretora, brincante/atriz e também pesquisadora. Destaco que a Quadrilha Sabugo não é uma exceção da história, mas expressão de um fenômeno mais amplo do movimento junino. Os brincantes atualmente passam pelo local de criação de personagem, cenas e também pelo espírito coletivo, que ajudam a firmar principalmente a memória e identidade de uma pessoa.

Apesar de possuir uma história, esse desenvolvimento e evolução durante anos no Distrito Federal, a junina ainda é uma cultura desvalorizada e pouco visibilizada na cidade, mesmo com a quantidade de grupos existentes e as competições que ocorrem em diferentes cidades ao longo de cada etapa. Ainda se observa uma falta de reconhecimento que tanto a junina quanto o brincante junino passam perante a arte da cidade, sendo que a brincadeira é uma das características culturais mais fortes da capital.

Também é notável que mesmo com a chegada dos elementos teatrais na quadrilha, ainda não é valorizado o trabalho de uma direção cênica ou de uma atriz dentro do movimento junino. Este é um espaço no qual ainda é necessário se fazer firmar em um grupo, a fim de poder adquirir a mesma importância que um coreógrafo. Não transformando em um espetáculo apenas teatral, mas desenvolvendo e auxiliando no melhor empenho dos brincantes, cena e dramaturgia.

Essa pesquisa é uma tentativa de reconhecer o papel do artista cênico dentro da brincadeira, que hoje carrega o teatro junto com a dança, transformando o arraiá em um espetáculo, além de trazer uma devolutiva para o movimento junino que tanto me inspirou para esta concluindo esta graduação e que me manteve ligada à arte durante tantos anos de minha vida.

Ressalto novamente que essa falta de reconhecimento de um artista cênico é um recorte que trago em relação ao Distrito Federal e não aprofundo o olhar sobre o processo de quadrilhas e artistas do Nordeste. Mas exalto que no Nordeste o movimento junino é referência de processos, preparações e também como citei no decorrer da pesquisa já existe grupo que é

reconhecido como patrimônio vivo da cidade, como já mencionado a Quadrilha Raio de Sol, de Pernambuco.

Para encerrar, destaco que o processo de criação de um personagem tanto para um teatro convencional, quanto para o movimento junino, é algo que requer tempo, disposição do artista e também um bom direcionamento para a criação de cenas, de uma coreografia que expresse também características corporais daquele personagem e que faça liga com o restante do grupo. Reitero que o processo de criação da Lúcia Calamidade só funcionou porque durante o meu tempo de preparo estive com pessoas que me escutaram e foram completamente significantes para o meu resultado final, no espetáculo.

Também o foco desta pesquisa de falar da minha personagem serve para mostrar que durante todos esses anos de existência da manifestação cultural temos uma afirmação de que é uma dança envolvida completamente pelo teatro e seus elementos.

Encerro este trabalho com muita alegria e satisfação pelo crescente movimento junino no Distrito Federal, enaltecendo essa cultura de resistência e alegria, assim como o povo que a trouxe para esta capital, enaltecendo a cultura popular presente na periferia de Brasília e descentralizando o foco do trabalho teatral na cidade, reconhecendo, assim, uma teatralidade brasileira, que nos permite sonhar, brincar, dançar e atuar.

Anexo 1

Entrevista com as criadoras da Quadrilha Sabugo de Milho, Denise Oliveira e Andrezza Oliveira, realizada de forma online através do Whatsapp.

1- Nomes

Sônia Juçara Oliveira (fundadora), Denise Oliveira (idealizadora e fundadora) e Andrezza Oliveira (idealizadora e diretora).

2- Sua família sempre residiu no Distrito Federal? Se não, de onde sua família veio?

Andrezza: Meu pai e minha mãe são ditos verdadeiros candangos, vieram para a construção de Brasília, meu pai mineiro do sul de Minas e minha mãe da Bahia, cidade chamada Utinga. Vieram pra cá e se conheceram desde criança, se casaram e meu pai foi do primeiro grupamento de bombeiros dito como veterano e minha mãe dona de casa, depois da construção vieram morar na M norte na mesma casa que residimos até então e os filhos já nascidos aqui em Brasília eu (Andrezza) e minha irmã Denise.

3- Qual foi seu primeiro contato com o movimento junino?

Andrezza: De acordo com nossa mãe, Sônia Juçara, ela conta que o primeiro contato dela foi justamente na Bahia, através da nossa bisavó que tinha a tradição de fazer fogueiras de São João. Inclusive quando minha mãe e meu pai foram se casar eles se casaram no dia de São João e a festa realmente foi uma festa junina. Quando a gente veio pra M norte, aqui tinha a tradição de ter festas de ruas, a festa do conjunto K aqui na 40 onde a gente mora até hoje na M norte era uma das mais tradicionais que existiam, festa que as pessoas vinham realmente para prestigiar e nisso eu (Andrezza) e minha irmã Denise éramos adolescentes e já participava da quadrilha aqui da rua que era feita com os vizinhos e amigos, alguns da família, outros vizinhos da rua debaixo da rua cima e quem tomava a frente era sempre minha mãe (Sônia). Ela juntava a galera, organizava tudo para ensaiar o povo da rua e virou tradição de fato.

Denise: Depois disso a gente cresceu e cada um teve seus afazeres e as festas de ruas acabaram, aí nós nos casamos e tivemos nossos filhos e quando nossos filhos eram crianças maiores beirando aí os 10- 12 anos a gente voltou com a tradição da rua. Minha mãe que tomava conta e

a partir daí já não era só minha mãe, também era eu (Denise) e Andrezza. Então a gente começou a fazer a quadrilha e continuou tendo a mesma visibilidade que na minha fase, então a gente chama de primeira fase, segunda fase e hoje a sabugo é a terceira fase.

Andrezza: Sim, porque eu e Denise somos professoras. Denise professora de educação física e eu professora de atividades e pedagogia então a gente sempre teve essa cultura de rua e cultura de escola também e quando a gente resolveu fazer a segunda fase, quando nossas filhas estavam maiores e tinha muitos amigos e amigas da idade deles, a gente resolveu dar esse nome “Sabugo de Milho” porque eu era professora de pedagogia e sempre gostei do sítio do pica-pau amarelo e o nome veio em homenagem ao visconde de sabugosa, daí veio o nome. Essa foi a segunda fase com nossos filhos e a galera aqui da rua. Tudo pré- adolsecente.

Denise: Inclusive a gente até pintou o muro com o sabugo, ainda tem o restinho bem fuleirinho, no muro aqui de casa que fazíamos a fogueira aqui na frente.

4- Qual foi a maior motivação para criar a quadrilha Sabugo de Milho?

Então a motivação veio dessa questão da cultura, da questão que minha mãe sempre juntava a molecada da rua pra brincar. Ter todas as brincadeiras de rua possíveis que você pode imaginar desde peão, vôlei, queimada. Minha mãe sempre foi desse tipo de juntar todo mundo e quando a gente começou a pegar firme com as festas de rua todos os vizinhos se empenhavam juntava dinheiro, fazia bandeirinhas e pintava meio- fio. Pedia apoio da polícia local e fechava a rua, os vizinhos cada um ,montava uma barraca e todo mundo ia vender as coisas como uma quermesse e aqui em casa a gente sempre foi apaixonada por música, todo e qualquer tipo de música, a influência do meu pai nas músicas raízes tanto sertaneja como forró e tudo isso influenciou né, então todo mundo aqui de casa gosta e sempre gostou de música, e de dança no geral.

5- Como foi o processo de criar a Sabugo de Milho?

Andrezza: Ela já existia como uma festa de rua e de bairro, quando nossas filhas Laís, Maria Clara e Bia cresceram foram participar do grupo jovem aqui da Católica aqui da Imaculada Conceição a gente viu uma nova chance de formar uma quadrilha mais organizada, que foi a terceira fase. Foi quando o padre, na época o padre Odair viu que as pessoas tentavam fazer quadrilha na paróquia e não dava certo pela desorganização e eles vieram pedir pra gente criar, Denise foi lá conversar com o padre pra criar uma quadrilha para dançar na quermesse que é uma

festa agostina e ele liberou. A gente juntou a galera do grupo jovem, chamou uma galera que queria participar e nesse momento veio o Xandão, que é o atual marcador, veio pra ajudar, que ele já fazia parte da quadrilha chamegos do Ó, trouxe mais algumas pessoas para poder nos ajudar, na época foi o Osmar e o Pedro e também teve o Vinícius que está na nossa quadrilha Sabugo de Milho. Todos vieram ajudar porque éramos crua, crua assim no sentido de ter as coisas organizadas como é hoje em dia toda papelada e burocracia, mas como a gente falou minha mãe sempre levou a gente pra assistir os concursos de quadrilha que tinha no Sesi e a gente ficou mais apaixonada ainda pelo movimento junino vendo a organização do Sesi e a gente viu que a gente de alguma forma poderia dar conta daquilo e nisso a gente viu os detalhes, os cabelos das meninas, as roupas, detalhes mínimos de maquiagem, de brincos e unhas e fizemos nossa primeira apresentação na quermesse em 2014. Na época o padre disse: “vocês vão dançar só na sexta e no sábado e domingo vai ser outra quadrilha”, mas o sucesso foi tão grande que o público amou e o padre autorizou a gente dançar no sábado e no domingo.

A gente alugou roupa da Quadrilha Ribuliço na época e tudo foi muito perfeito e bonitinho da forma como a gente conseguia fazer e aí as pessoas começaram a visualizar a sabugo, as outras paróquias começou a entrar em contato pra gente apresentar e assim a gente foi fazendo devagarinho.

Denise: Inclusive nesse mesmo ano chamaram a gente pra dançar, mas não teve como porque a roupa era alugada e não tinha como alugar novamente. Então em 2015 começamos a apresentar em outras paróquias.

Andrezza: No final de 2014 todo mundo se empolgou e perguntava se a gente ia continuar e aí então a gente se organizou e a galera cada um juntou dinheiro e fez rifa e fez nosso primeiro traje e a partir de 2015 a gente começou a apresentar em escolas, creches e s, foi se desenvolvendo e a coisa foi ficando mais séria.

Denise: 2016 a gente já estava apresentando em vários lugares e aí pessoas da Liga começaram a perceber que a sabugo estava aí no meio junino, eles foram ver nossa apresentação e viram a sabugo e começaram a chamar a sabugo pra liga que é de competição, a união junina também. A linq- dfe chamou a gente pra fazer uma participação especial lá no Valparaíso em uma das etapas e aí a gente foi e os meninos começaram a sentir o gostinho de como é, como seria competir e foi aí que começamos a modificar nosso pensamento, a amadurecer pra gente poder se filiar e essa filiação não demorou muito tempo em 2017 a gente já tinha se filiado e nesse ano de 2017 só

durou um ano no módulo de acesso. Quando a gente foi se filiar chamamos o padre e dissemos que não iríamos ser mais vinculados à paróquia porque a gente iria criar asas e participar de competições. Em 2017 como falei a gente entrou no módulo de acesso e quando foi no final da competição a gente subiu e em 2018 já estávamos no módulo especial da LINQ- DFE.

Andrezza: E já competindo com as maiores.

Denise: Primeiro ano de etapa de módulo especial já ficamos em sexto ou quarto lugar, batendo tet a tet com as maiores e aí o pessoal começou a perceber a gente. Sempre nos elogiaram pela nossa organização.

Andrezza: Falavam “vocês são muito sérios, uma quadrilha muito organizada e que a gente ia longe e ia dar muito trabalho para as outras quadrilhas.”

6- O que vocês consideram de diferente no grupo atualmente?

Andrezza: Então quando a sabugo começou, eram muito menores de idade né, a gente tinha uma preocupação muito grande em cuidar desses menores e dar satisfação para as famílias e muitos desses menores permaneceram na sabugo e foram amadurecendo junto com a sabugo. Um exemplo é a Laís Bernardino aprendeu a fazer maquiagem e criou várias maquiagens pra quadrilha e até hoje ela faz esse tipo de trabalho. Maria Clara Oliveira, figurinista, filha da Denise, criou figurinos para outras quadrilhas, inclusive de fora do DF. Bia Oliveira, filha da Denise também, ajudou muito nos processos de criação das coreografias e também na ajuda teatral.

Denise: A sabugo era muito vista por esse lado cênico, não só dança.

Andrezza: E a sabugo tem essa especificidade de ser muito família, o Xandão trouxe a família. Nossa família sempre esteve empenhada e outras famílias vinham para ajudar na produção como a Rosane mãe da Giovanna que era nossa noiva mariquinha estava presente. Thays chefe da produção também trouxe a família, realmente se tornou uma quadrilha familiar. E a sabugo cresceu assustadoramente e a gente ficou assim impressionada e às vezes a gente nem conseguia acreditar, que um grupo no início tinha em torno 16 casais hoje é um grupo com 200 pessoas, né.

Denise: Esse processo que começou, que fez esse grupo como ele é hoje, como a gente falou, a gente não era só ensaio, a gente além de ensaiar tinha por exemplo o Humberto Pedrancini, que é conhecido no DF como produtor, ele era muito bom e a gente através, não lembro através de quem, a gente conheceu Pedrancini e ele dava oficinas para a sabugo e não satisfeito a gente

procurava professores de teatro, às vezes no mês ia fazer oficina cênica e dessa forma foi criado o primeiro espetáculo de mambembe e tinha muito essa pegada teatral. A gente foi assistir um filme de circo com uma menina de cabelo rosa e a gente achou interessante e falamos vamos colocar a noiva de cabelo rosa. A gente sempre foi muito ousado, Xandão vinha com as ideias e a gente também, um topava a ideia do outro e metia as caras, ou ia dar muito certo ou ia dar muito errado.

Nisso veio a noiva Mariquinha de cabelo rosa, nessa época Rian já era o noivo. No ano anterior o noivo era o Best. O sucesso desse tema foi espetacular. Rian e Giovanna ganharam o melhor casal de noivos no DF e nisso foram representar o DF em Tocantins, que era uma competição nacional de noivos e lá eles ganharam o concurso porque eram um casal muito diferente, muito diferente do que eles já tinham visto. A Sabugo começou a ter essa visibilidade nacional, então a partir daí foi se criando esse grupo que é hoje, imenso, gigantesco. A gente sempre teve vontade de levar os meninos para Campina Grande, nunca dava, tentamos e não conseguimos e foi frustrante, mas depois a gente conseguiu e foi mágico. Não queríamos nem ganhar só está lá, no maior São João do mundo. Então a Sabugo, essa atualmente, foi criada nesse início e hoje ela já tem uma pegada, querendo ou não, um pouco estilizada que era o que a gente não gostava Andrezza, Eu e minha mãe. Não que a Sabugo seja 100% estilizada, mas tem essa pegada estilizada e foi indo pra esse lado. Então tem essa diferença, da proporção como Andrezza comentou também e também da forma do basicão tradicional e hoje já não é tão tradicional.

Andrezza: Lembrando que a Sabugo aprendeu do zero em tudo, não sabia o que era um tema, perguntavam “o que é o tema de vocês?” e a gente falava “dançar quadrilha”, a gente não sabia que tinha que ter um tema, um enredo, a gente não sabia nada de documentação e aprendemos na garra, Denise era sonoplasta e documentação e depois treinou o João Alex. Foi tudo de uma vez, a gente sabia zero e só amava quadrilha de rua e de repente se viu tendo que se enquadrar tendo que saber dançar, documentação, o que produção e penalidades, mas Graças a Deus teve quadrilhas que nos ajudaram muito a crescer. Tem aquelas que queria nos derrubar, mas teve aquelas que nos ajudaram bastante.

Denise: Para finalizar, esse grupo anteriormente a gente juntava nas garagens para fazer orações e ia variando as casas. A gente se juntava para assistir filmes, para debater sobre o movimento junino e culturais e colocava os meninos para estudar.

7- Vocês imaginavam que o grupo se tornaria algo tão grande como está hoje?

Andrezza: A gente imaginava, não tão rápido, mas a gente imaginava porque como eu disse sempre tivemos famílias apoiando, pessoas querendo aprender sobre tudo, aprender a ir atrás de costureira, aprender a andar no Taguacenter, aprender a andar em Goiânia, aprender sobre sonoplastia e sobre o que seria a banda, aprender sobre coreografia. Hoje em dia as próprias pessoas da sabugo sabem dar continuidade, sobre documentação, sobretudo, de um zero foi muito rápido e a gente quer chegar bem mais longe e vai se equiparar às quadrilhas do nordeste.

Denise: Porque nossa meta é sim, ganhar o nacional. A gente sempre pensou muito além, sabe? Então a gente nunca se contentou com pouco, mas com o pé no chão. A gente sempre orientou os meninos a não discutir com outras quadrilhas, querer se vangloriar, sempre ter humildade, mas humildade é diferente de baixar a cabeça e em competição tem que ser gigante mesmo. Hoje a sabugo se tornou esse mito, pra mim é um mito, agora com a galera do Marketing que conseguiu fazer com a trend do chinelo a sabugo se faltava um pouco pra deslanchar no Brasil e talvez até fora do Brasil, teve pessoas de fora fazendo a trend.

Andrezza: A Sabugo é formadora de quadrilheiros.

Denise: As outras quadrilhas foram criadas com pessoas que saíam, terminava a competição e as pessoas iam dançar na campeã, a gente não, sempre pegamos a base. Meninos que não sabiam nada e com esses meninos que não sabiam nada a Sabugo veio curando tanto nós, que fomos curadas, como os meninos da depressão, tirar os meninos da rua. Pegou os meninos adolescentes e quando saímos da diretoria os meninos estavam adultos, alguns casados e com filhos, então foi um processo muito suado, mas crescemos como famílias. A base foi saindo e foram chegando novos quadrilheiros.

Denise: Esquecemos de dizer que no primeiro ano de competição, em 2017, a gente falou que colocava os meninos para assistir filmes, mas a gente fazia pesquisa de campo e juntamos o pessoal e fomos para um circo e depois do espetáculo a gente foi pedir informação para o pessoal do circo e viramos amigos, até um deles foi assistir a gente na época. Acontecia essas pesquisas. Como professora, trabalhava com adultos e idosos, levava minhas alunas por esse Brasil pra viajar, ia pro nordeste pelo menos uma vez no ano eu ia e lá fazia pesquisa de campo de figurino. Eu de lá e Maria Clara daqui mandando fotos de tecidos e o figurino sempre foi criativo em relação aos elementos que vinham do nordeste.

Já fomos em um circo no parque da cidade, ver as pernas de pau, a gente viu as pernas de pau pro Rian, que nessa época ele não era noivo, ele e a Bia eram palhaços e o Rian entrava de perna de pau.

Andreza: E o que a gente sente falta na Sabugo hoje em dia, era a parte que a gente fazia social. De ir nas creches, arrecadar alimentos e fraldas, essa parte está faltando na sabugo que ela volta a ser raiz nessa parte social, da parte da caridade e não só dançar.

Denise: Apresentamos no hpap e as pessoas ficaram muito felizes. Esse trabalho que a sabugo hoje não faz, e é importante, porque essa é a base da sabugo e essa base não tem mais e isso também diferencia a sabugo atual da sabugo raiz.

A visão da sabugo hoje é só competição, e nisso a gente não bate mais com a sabugo, a gente quer competição, quer a sabugo bonita, a gente pensa alto, mas também a outra parte. Quantas vezes a gente não foi na Estrutural fazer trabalho com os meninos, fazer apresentação para creche e inclusive fomos até assaltados lá e nem por isso deixamos de fazer a parte social e isso faz falta na sabugo atual.

Anexo 2

Entrevista com o marcador Xandão, da Quadrilha Sabugo de Milho.

Realizada via google formulário.

Nome completo

Xandão: Alexandre da Silva Marques

Nome artístico

Xandão: Xandão.

1- Qual foi o seu primeiro contato com o movimento junino?

Xandão: 2014

2- Quando você começou a brincar quadrilha já existia o objetivo de ser marcador?

Xandão: Não, nunca havia passado pela minha cabeça. Eu iniciei como dançarino em um grupo e meses depois recebi o convite para ser marcador na Sabugo que, a partir daquele ano, se tornaria o grupo que conhecemos hoje, mas naquele momento era apenas uma reunião de jovens paroquianos para dançar somente no final de semana de festa na paróquia Imaculada Conceição, na M Norte.

3 - Qual a maior diferença, para você, em marcar quadrilha antigamente e atualmente?

Xandão: Antigamente todo o espetáculo era pensado e construído para que funcionasse de maneira dependente à atuação do marcador. O espetáculo não acontecia sem que o marcador ditasse os passos, conduzisse as transições de coreografia e de cenas entre outras coisas. O espetáculo era completamente engessado ao marcador, mas hoje em dia, não mais. Se antes tínhamos espetáculos que se encaixavam ao marcador, hoje, nós marcadores, somos quem precisamos nos encaixar no espetáculo. Hoje, a construção do espetáculo, o andamento das cenas e coreografias independe da ação do marcador. Se o marcador não acompanhar e estudar bem os locais para se impôr e exercer sua função, o espetáculo caminha de maneira fluída sem que ele precise abrir a boca para que algo aconteça. O marcador ainda é uma peça fundamental nos espetáculos juninos hoje em dia, mas é uma função que acabou se reinventando pela forma com

que os espetáculos juninos evoluíram. Não vejo isso como um retrocesso e, sim, como um convite a sair da zona de conforto.

4 - Qual o sentimento de ser uma figura de tanta importância dentro de uma dramaturgia?

Xandão: É uma sensação muito ímpar. Envolve gratidão, realização e uma adrenalina muito gostosa em dar vida a um personagem que foi criado por mim mesmo.

5 - Como você se consolidou como marcador na Quadrilha Sabugo de Milho?

Xandão: No início eu me tornei marcador porque não existia outra pessoa para o cargo, não tinha outra opção, mas com o tempo, acabei tomando posse do ofício e permaneci principalmente pela minha liderança perante o grupo. Quando comecei sentia muita falta de dançar pois me iniciei no mundo junino como dançarino, mas depois essa falta foi sendo suprida dentro da marcação mesmo, graças a Deus.

6 - Como é fazer quadrilha hoje em dia?

Xandão: É um desafio. Principalmente diante da falta de apoio, da visão estereotipada e preconceituosa que muita gente tem a respeito das quadrilhas e, de maneira particular, vejo também uma certa falta de apoio até mesmo das outras vertentes de artistas mesmo. As quadrilhas hoje são formadas basicamente por jovens e adultos periféricos, ensaiamos dentro das periferias de Brasília, nós nos apresentamos dentro dessas mesmas periferias, mas não somos vistos pela cultura underground. Fazemos trabalhos cênicos fortes e bem embasados, estudamos projeção de voz, colocação em cena, trabalhamos a linguagem e a consciência corporal, estudamos dramaturgia, mas não somos vistos como artistas. Nas nossas coreografias trazemos passos e movimentações de diversos ritmos diferentes dentro da cultura popular, dentro do forró, dentro das culturas ancestrais brasileiras e até mesmo de outros países, mas não somos vistos como dançarinos. É difícil trabalhar tendo que enfrentar essa invisibilidade que muitas vezes o movimento junino precisa lidar, mas de pouco em pouco, as coisas vêm melhorando e o reconhecimento vem chegando. Seguiremos sempre por mais.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Novo Aurélio século XXI: **o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BROOK, Peter. **Avec Grotowski**. Paris: Actes Sud, 1999.

CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 63–75, 2002.

GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de (org.). **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Sesc São Paulo, 2009.

MOTA, Luciene Freitas; ECHER, Silvana Regina; BONILLA, Maria Helena. As ressignificações da arte de contar histórias na contemporaneidade. **Boitatá**, Londrina, v. 11, n. 21, p. 68–81, 2016. DOI: 10.5433/boitata.2016v11.e31254.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SILVA, Elthon Gomes Fernandes da; SILVA, Leneeton de Oliveira; DANTAS, Mardeen Henrique de Souza; FERREIRA, Miguel dos Santos. A voz nordestina em cena: vivências na preparação vocal com marcadores de quadrilha junina em João Pessoa (PB). **Voz e Cena**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 40–68, 2020. DOI: 10.26512/vozen.v1i02.34381.

VARELLA, Cleire de Souza Miranda. **Quadrilha(s) junina(s) do DF e Entorno: cenas, histórias e processos do Distrito Quadrilheiro**. 2023. 140 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Fontes Orais:

MARQUES, Xandão. Entrevista concedida a Ellen Gabriela da Silva Gama. Ceilândia (DF), 2025. **Entrevista realizada via formulário online.**

OLIVEIRA, Denise. Entrevista concedida a Ellen Gabriela da Silva Gama. Ceilandia (DF), 2025. **Entrevista realizada via Whatsapp.**

OLIVEIRA, Andrezza. Entrevista concedida a Ellen Gabriela da Silva Gama. Ceilandia (DF), 2025. **Entrevista realizada via Whatsapp.**